



Revista APMED - Volume 1 - Número 1 - Julho de 2022

HERMANO JOSÉ E O CABO BRANCO

Eudes Rocha

Associação Brasileira de Críticos de Arte

Desde os primórdios dos anos 1980, quando conheci e fiz amizade com o polivalente Hermano José - misto de artista plástico, poeta e ativista ecológico -, logo percebi, nele, uma pessoa ímpar, peculiar na acepção da palavra. Sempre bem informado, culto e com facilidade de expressão verbal ou imagética, apesar de não ter um diploma universitário sempre se manifestou verbalmente com fluência e desenvoltura sobre qualquer tema que resolvesse ou precisasse abordar. Aos 14 anos (1936) Hermano, recém chegado à Capital do Estado oriundo de Serraria - sua terra natal - dera seu primeiro passo para a seguir alçar vôos mais altos. Do Nordeste, já funcionário do Banco do Brasil, seria transferido para o Rio de Janeiro, então Capital Federal (1958). E, lá, matriculou-se no Liceu de Artes e Ofícios, frequentando outros cursos de pintura, gravura e desenho, estudando com grandes nomes das artes plásticas como Ivan Serpa que, em 1959, lideraria o movimento neoconcretista no Brasil, artista esse cuja influência se percebe na poética de Hermano e pode ser notada no rigor da técnica e da forma em seus trabalhos.

No espaço do MAM (Museu de Arte Moderna) nasceria um atelier de gravura no qual surgiu um seleto grupo de gravadores que, logo depois, revelaria laureados nomes, como o próprio Hermano José, Anna Letycia Quadros, Maria Bonomi e Farnese de Andrade, entre outros.

Com o advento do Neoconcretismo Hermano mergulha nas cores e no geometrismo abstrato que esse movimento impõe e produz belas gravuras e desenhos.

No final dos anos 1960, Hermano faria de seu apartamento um verdadeiro Consulado da Paraíba no Rio, hospedando conterrâneos que, em busca de ampliar seus horizontes, começariam a participar de exposições naquela cidade, como foi o caso de João Câmara ainda em início de carreira. Para outros deles, graças à intermediação desse nosso “Cônsul” as portas de algumas galerias cariocas se abriram a exemplo de Flávio Tavares, Miguel dos Santos e tantos mais que ali fariam os seus *batismos de fogo*.

Por sua vez, com o seu retorno a João Pessoa em meados da década de 1970, Hermano, além de ocupar-se com a militância ecológica, continuaria orientando, sempre que solicitado, várias gerações de artistas paraibanos, desde F. Tavares, M. dos Santos, Fred Svendsen, Clóvis Junior até as gerações que se seguiram como Martinho Patrício, Sérgio Lucena e José Pagano, entre outros.

Como eterno admirador de nossas praias, notadamente a do Cabo Branco e sua inconfundível falésia de argilas multicoloridas, Hermano passa a representá-la exaustivamente na pintura, no desenho e na gravura, sobremaneira a partir do início do acelerado processo de erosão daquela barreira nos idos de 1990.

Nas décadas seguintes, esse artista ministra aulas de gravura no curso de arte da UFPB, tendo, também, prestado relevantes serviços na área de cultura e artes da Prefeitura da Capital e do Governo da Paraíba. Com o advento do novo milênio, Hermano já estava aposentado do Banco do Brasil, mas o seu trabalho como artista plástico e como militante ecológico prossegue e continua produzindo mesmo quando não tinha qualquer perspectiva de exposição.

Nesse meio tempo, ocorre a criação da **Sala Hermano José**, na Pinacoteca da UFPB, lugar no qual 90% das obras de sua lavra, ao longo de mais de 60 anos, vão ser instaladas em definitivo. Uma importante Mostra é organizada para a inauguração desse espaço, dando ao artista a tranquilidade da preservação de seu acervo doravante disponível à visitação pública.

Sempre inquieto e ávido por produzir algo, dedicava-se à arte em tempo integral, fase em que Hermano resolve revisitar o neoconcretismo do qual participou algumas décadas atrás. Para tanto, decidiu produzir obras nesse mesmo estilo, isso já nos anos 2010 e essa revisitação teve um enorme sucesso. Eram pinturas sobre tela e desenhos com pastel a óleo e *crayon*. Impressionou-me que a esse tempo, o artista já beirando os 90 anos de idade, continuasse com prumo na mão e vigor físico para tão farta produção, que logo mais resultaria numa bela Mostra Individual na Galeria Gamela, em 2012.

Desnecessário dizer que sendo fiel ao objeto de sua revisitação, não se furtaria de também ilustrar a sua amada barreira do Cabo Branco aqui reproduzida de forma abstrata, mas ainda assim identificável pelas lindas cores das argilas produzidas pela natureza e que Hermano tão acertadamente relembrou.

Pouco mais de um ano depois, Hermano José nos deixaria, mas o seu legado ético e artístico ficaria para as gerações posteriores. Em seu testamento, deixou para a UFPB o casarão no qual morava na Praia do Bessa, em João Pessoa onde foi criado por decisão sua o **Museu Casa de Cultura Hermano José** no qual constam pinturas de sua autoria, móveis e objetos decorativos que fizeram parte de sua casa e designou que os espaços restantes servissem para a realização de cursos e oficinas de arte, além de palestras para jovens carentes.

Como vemos, em vida e até mesmo após sua morte, Hermano permanece, nos dando lições de coragem, civismo, filantropia e amor à natureza.

Hermano vive!